

OS DISCURSOS SOBRE A MORTE ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: A QUESTIONÁVEL AUSÊNCIA DA ESCOLA

High school students' discourses on death: the school questionable absence

*Anderson Nunes Pinto*¹ [anp@hucff.ufrj.br]

*Eliane Brígida Morais Falcão*² [elianebrigida@uol.com.br]

Resumo

A pesquisa investigou como adolescentes alunos do ensino médio do município do Rio de Janeiro representam a morte humana e como tais representações estariam associadas a grupos de suas relações: família, grupo de amigos, escola e religião. Seu referencial é o da Teoria das Representações Sociais de Moscovici e o procedimento metodológico utilizado foi o do Discurso do Sujeito Coletivo. Os discursos identificados foram: “a morte tem um sentido religioso”, “a morte é um fenômeno natural”, “a morte é de difícil explicação” e “a morte traz sofrimento”. Na percepção da grande maioria dos alunos, as principais influências sobre o assunto foram a religião e a família. Conclui-se que a escola não tem sido um espaço de reflexão e, ao contrário, tem reforçado o tabu sobre a morte existente na sociedade. Recomenda-se a ampliação da discussão com fins de inclusão do tema da morte no currículo escolar do ensino médio.

Palavras-chave: Morte; ensino médio; representações sociais.

Abstract

The research investigated how adolescent high school students in the municipality of Rio de Janeiro represent death, and as such representations would be associated with groups of their relationships: family, peer group, school and religion. His reference is the Theory of Social Representations of Moscovici and the methodological procedure used was the Collective Subject Discourse. The discourses identified were: "Death has a religious meaning," "Death is a natural phenomenon", "death is difficult to explain" and "death brings sorrow." In the perception of most students, the main influences on the subject were family and religion. It is concluded that the school has not been a space for reflection and, instead, has reinforced the taboo about death in society. It is recommended to expand the discussion with the purpose of inclusion of the theme of death in the high school curriculum.

Keywords: Death; high school; social representations.

¹ Graduado em Psicologia. Mestrando do NUTES/UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro do NUTES/UFRJ. Observatório da Laicidade do Estado (OLE)/UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Introdução

Grande parte dos estudantes do ensino médio encontra-se na adolescência, etapa fundamental do desenvolvimento humano. Trata-se de um momento especial na constituição da identidade pessoal e que requer cuidados de diferentes perspectivas. Nesse sentido, a formação científica deve considerar a integralidade do educando que está formando atitudes básicas para sua vida e sua expressão como cidadão e participante de uma sociedade. O saber lidar com a morte humana, deve ser encarada não só como fenômeno biológico, mas também como fenômeno existencial que carrega um complexo conjunto de imagens, símbolos e afetos estruturante também da convivência social. O tema da morte é um dos tabus contemporâneos e está praticamente ausente dos currículos da formação básica. Já foi observado que adolescentes em escolas do ensino médio apresentam uma importante demanda de escuta e diálogo com relação ao tema da morte e que, se há referências à constatação de morte como fenômeno natural, há um referencial discursivo religioso (ALMEIDA & FALCÃO, 2009; ALMEIDA, RAMOS & FALCÃO, 2009; ALMEIDA & FALCÃO, 2007; COELHO & FALCÃO, 2006; COELHO & FALCÃO, 2005). Tais pesquisas realizadas no contexto do nosso laboratório (Laboratório de Estudos da Ciência (NUTES/UFRJ) apontaram pelo menos dois relevantes conteúdos discursivos. O primeiro refere-se à associação do tema da morte aos cuidados com a preservação e promoção da qualidade de vida e o segundo refere-se à associação da morte com violência, criminalidade, drogas e acidentes de trânsito. Este último foi expresso em escolas de contextos socialmente desfavorecidos.

No conjunto, esses estudantes relacionaram o tema morte com a preservação de suas próprias vidas e alertaram para a necessidade de ter um melhor padrão de educação e saúde para que pudessem prolongar suas vidas com qualidade. Em relação aos contextos mais favorecidos, foi possível observar que parte dos estudantes fez uso de terminologia científica aprendida, sobretudo na disciplina de biologia, isto é, referiu-se à morte como parte do ciclo da vida, um fenômeno natural. Ficaram evidentes nas pesquisas (em contextos favorecidos e desfavorecidos) tanto sentimentos de sofrimento associados ao tema morte quanto à crenças religiosas.

Esse conjunto de dados nos revela inquietações pessoais, sociais e religiosas que podem ser vistos como indicadores de uma demanda educacional dirigida ao tema em questão. E isto nos diz que mais pesquisas para consolidação de análises e interpretações relativas ao tema são necessárias nos contextos do ensino médio. O tema da morte no contexto da formação científica no ensino de nível superior de diversas áreas do conhecimento humano, tais como enfermagem, medicina, psicologia, assistência social, tem sido objeto de pesquisas tanto no Brasil quanto em outros países cujos resultados têm apontado para a importância de abordá-lo adequadamente nos cursos de graduação (CARVALHO et al, 2006; LEE et al, 2008; ACOSTA et al, 2008; LIMA & BUYS, 2008; JUNQUEIRA & KOVÁCS, 2008). Contudo, existem poucas pesquisas que investigam esse tema no contexto da formação científica no ensino de nível médio.

O presente trabalho destaca o fator relacionado ao período do desenvolvimento humano em que se encontram os estudantes do ensino médio, ou seja, a adolescência. Sabe-se que a adolescência é um período de desenvolvimento com grandes transformações, algumas muito evidentes, como as mudanças corporais que são iniciadas na puberdade. Segundo KOVÁCS (2002, p.54), que realiza estudos sobre a morte como tema educacional para crianças e jovens, entre estas manifestações ocorrem intensas expressões de sentimentos, labilidade emocional e necessidade de auto-afirmação.

Ressalta a mesma autora que as mudanças cognitivas ocorridas na adolescência consolidam a capacidade de realizar operações abstratas, possibilitando a percepção das características essenciais da morte, como a sua irreversibilidade e universalidade. Além disso, torna-o capaz de levantar hipóteses, discutir e dar respostas lógicas formais às questões relativas à morte.

Para WINNICOTT (2005, p.117), uma das maiores referências teóricas atuais da psicanálise na área do desenvolvimento humano, na adolescência retoma-se a questão da identidade: “quem sou eu? Na busca de respostas é típica a idéia de assassinato, pois no imaginário adolescente crescer é inerentemente um ato agressivo e significa ocupar o lugar do genitor. Neste processo, nem sempre o adolescente lida bem com tal realidade, visto que mobiliza conteúdos relacionados a agressão e à morte.

ELIAS (2001), em sua reflexão fundamental sobre o sentido da morte e o morrer na história da civilização, aponta que em nenhum outro período histórico a morte e os moribundos foram tão excluídos da vida social e particularmente ocultados das crianças, sendo as atitudes marcantes o embaraço, a reticência e falta de espontaneidade na expressão de sentimentos diante da morte. As gerações mais jovens, neste contexto, ficaram entregues aos seus próprios recursos, a sua própria capacidade de invenção individual, na procura das palavras certas para seus sentimentos, já que as frases convencionais e os rituais em uso lhes parecem superficiais e gastas. Elias afirma que este é um problema do atual estágio do processo civilizador, que deixa para o indivíduo a tarefa da expressão sobre a morte.

Com relação à pertinência do tema ao campo do ensino de ciências, observa-se que a disciplina de Biologia ensina o ciclo de vida e morte dos seres vivos, onde a morte humana encontra espaço apropriado para ser pensada. Entretanto, a morte humana não é abordada com qualquer enfoque especial ou diferenciada dos outros seres vivos, tendo em vista a sua complexidade e a sua transversalidade. Os estudos realizados mostram que maior número de horas dedicadas ao ensino de ciências está associado a maior uso de terminologia, conteúdos e referências científicas sobre o tema da morte (ALMEIDA & FALCÃO, 2009; COELHO & FALCÃO, 2006). Isto nos permite refletir sobre a grande importância que as aulas de ciências podem apresentar como espaço cultural de formação de cidadãos críticos ou melhor preparados para lidar com o tema em questão. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem que entre os objetivos da educação básica, particularmente no ensino médio, está o ensino de ciências como objeto de relevância na formação cultural do estudante, já que o conhecimento científico possibilita discutir e ampliar visões, compreensões de fenômenos do mundo natural e social, valores e atitudes. No volume de Ciências Naturais dos PCN, a morte aparece implicitamente em várias reflexões sobre a relação homem-natureza e no estudo da interdependência entre os organismos vivos e suas relações com o meio ambiente como um elemento constituinte das teias e cadeias alimentares. O ponto de vista do nosso trabalho é que o tema da morte humana no contexto da formação científica no ensino médio é uma oportunidade de confrontar o tabu existente na sociedade contribuindo assim para que as explicações científicas sobre o tema compoñham o repertório conceitual dos alunos e estimulem o exercício da reflexão crítica.

Em resumo, autores especializados na reflexão sobre visões e atitudes em relação à morte e pesquisas voltadas para grupos específicos mostram a relevância da abordagem do tema morte. A pesquisa relatada neste trabalho estabeleceu seu interesse na busca de

dados que permitissem conhecer a realidade das visões da morte entre jovens adolescentes e presentes em escolas no ensino médio.

Objetivo e Metodologia

O objetivo da pesquisa foi compreender como adolescentes, alunos do ensino médio de duas escolas da rede privada da zona oeste do município do Rio de Janeiro, representam a morte humana e como tais representações estariam associadas a grupos de suas relações: família, grupo de amigos, escola e religião.

Foram investigadas duas escolas da rede privada da zona oeste do município do Rio de Janeiro cujos grupos de alunos eram compostos, aproximadamente, na mesma proporção por ambos os sexos. Ambas as escolas investigadas seguem as exigências básicas do ensino médio organizando-se em torno das disciplinas de linguagens e códigos, ciências exatas, humanas e naturais e tendo currículos e carga horária das disciplinas semelhantes. Além disso, não estão sob direção religiosa nem oferecem o ensino religioso. Ambos os grupos de alunos são semelhantes em seu perfil sócio-econômico, pertencendo a classe média e a um contexto social que, embora ofereça boa infra-estrutura urbana, oferece pouca variedade de oferta de serviços culturais como cinemas, teatros e bibliotecas. O conjunto de semelhanças em relação ao perfil sócio-econômico dos dois grupos e também em relação às características das duas escolas permitiram analisar o conjunto dos estudantes das escolas como grupo social específico. A presente pesquisa é de caráter exploratório e qualiquantitativo. Seu referencial teórico é o da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e o procedimento metodológico utilizado foi a Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DCS).

Para MOSCOVICI (2003, p.53), as representações sociais devem ser vistas como uma “atmosfera” que envolve um grupo e como uma maneira específica de um grupo compreender e comunicar o que sabe. Trata-se do universo consensual onde a sociedade possui uma voz humana em contraste com o universo reificado, que é o espaço próprio das ciências. No caso desta pesquisa, consiste em compreender as representações sociais sobre a morte humana no pensamento coletivo dos alunos do ensino médio.

Baseada nos pressupostos da teoria das representações sociais, a Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) basicamente consiste em levantar e articular uma série de operações sobre a matéria-prima de depoimentos coletados em pesquisas empíricas de opinião por meio de questões abertas. Tais operações redundam, ao final do processo, em depoimentos coletivos confeccionados com extratos de diferentes depoimentos individuais. Cada um desses depoimentos coletivos veicula uma determinada e distinta opinião ou posicionamento, sendo que os mesmos são redigidos na primeira pessoa do singular. A intenção é produzir no receptor o efeito de uma opinião coletiva, expressando-se, diretamente, como fato empírico, pela “boca” de um único sujeito de discurso. Os procedimentos envolvem, basicamente, as seguintes operações: a identificação das expressões-chaves de todas as respostas; agrupamento das expressões-chaves semelhantes; identificação das idéias centrais de cada conjunto de expressões-chaves semelhantes; articulação discursiva de cada conjunto de expressões-chaves semelhantes em um discurso-síntese, que é o discurso coletivo. É possível a identificação de um ou mais discursos para cada tema investigado porque cada grupo e um mesmo sujeito podem participar de dois ou mais discursos (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003, p.18).

Foram usados questionários, individuais e anônimos para a coleta de dados sobre os estudantes, seus pais e dados relativos ao tema da pesquisa. Cada questionário iniciou com o preenchimento dos itens sexo e idade e seguiu com 19 questões abertas, sendo questões fechadas apenas àquelas que se referem à adesão religiosa dos alunos e dos pais e àquela que se refere à escolaridade dos pais. As 02 primeiras questões objetivaram saber o que os alunos pensam e sentem sobre a morte. As questões 3, 4, 5, 6 e 7 abordaram a percepção dos estudantes em relação às influências que teriam recebido da família, do grupo de amigos, da religião e da escola. As demais questões abordaram o perfil religioso dos alunos e de seus pais, e também a escolaridade e ocupação dos pais, sendo que a última questão abriu a possibilidade dos sujeitos acrescentarem o que não foi perguntado.

A aplicação dos questionários foi realizada antes do início de uma aula com prévia autorização da coordenadora escolar e do professor da disciplina. Além disso, ocorreu em dias diferentes nas duas escolas, sem que antes os alunos tivessem qualquer conhecimento sobre o assunto em questão. Os alunos foram informados sobre a instituição de origem da pesquisa, os objetivos gerais do trabalho e o anonimato dos questionários. Foi apresentado a eles o termo de consentimento livre e esclarecido, sendo o mesmo assinado por todos. Em seguida foram esclarecidos quanto ao conteúdo das questões. O preenchimento dos questionários levou 30 minutos aproximadamente.

Os percentuais estão apresentados nos quadros 1 e 2 (resultados) como apoio à interpretação.

Resultados

O grupo de estudantes de cada uma das escolas não é grande (cerca de 18 estudantes matriculados em cada uma) e quase todos estavam presentes no dia da coleta de dados. Em relação às duas primeiras questões, apenas um aluno não respondeu. Cada grupo é composto de forma equilibrada de meninos e meninas e têm em média 17 anos. Os estudantes mostraram-se interessados e prontamente atenderam à solicitação de participação na pesquisa.

Na Tabela 1 estão expostos os resultados da percepção dos estudantes em relação às influências dos grupos sociais de suas relações sobre o tema morte. Na Tabela 2 está exposto o perfil religioso. Os quadros expõem os discursos encontrados para as questões relativas às percepções mais gerais da morte (Quadro 1) e as percepções sob um ponto de vista mais pessoal da morte (Quadro 2).

Os discursos relativos a ambas as questões foram expressos de forma semelhante quanto às idéias centrais, mas diferenciados quanto aos percentuais de adesão e também por alguns detalhes de natureza qualitativa. As idéias centrais que permeiam os discursos foram: “a morte tem um sentido religioso”, “a morte é um fenômeno natural”, “a morte é de difícil explicação” e “a morte traz sofrimento”.

O discurso “a morte tem um sentido religioso” traz o sentido de que a morte é uma passagem para outra vida. O discurso “a morte é um fenômeno natural” expressa a visão de morte como algo inerente ao mundo natural e o homem como parte dele. O discurso “a morte é de difícil explicação” denota as dificuldades em lidar com o tema da morte. O discurso “a morte traz sofrimento” expressa sentimentos dolorosos que a morte provoca. Os discursos de maior adesão foram o discurso religioso e o discurso da morte como fenômeno natural. Com relação à primeira questão, os discursos não foram completamente excludentes porque três sujeitos participaram de mais de um discurso.

Ao compararmos o Quadro 1 com o Quadro 2 observamos que o discurso “a morte traz sofrimento” sofreu certa inversão no que diz respeito à adesão. Enquanto no Quadro 1 este discurso aparece como sendo o de menor adesão, no Quadro 2 ele aparece como sendo o de maior adesão. Já os discursos “a morte tem sentido religioso” e “a morte é um fenômeno natural” perderam adesão, enquanto o discurso “a morte é de difícil explicação” manteve-se constante.

O Quadro 2 mostra que quando a questão foi mais pessoal, o discurso que associa a morte ao sofrimento ganhou mais adesão, enquanto o discurso religioso e o discurso da morte como fenômeno natural perderam adesão.

Quadro 1 – “Em sua opinião, o que é a morte?”

Idéias centrais	Discursos do sujeito coletivo
DSC 1. A morte tem um sentido religioso (42,85%)	A morte é o fim de um ciclo no plano material e na terra. Não é o fim da vida: é a passagem de uma vida para outra em outro mundo. É quando o corpo não serve mais e acaba. É também quando a alma se livra do corpo e vai para um lugar que eu não sei, pode ser o céu ou o inferno. Para alguns, a morte levará ao descanso e a paz espiritual com Deus.
DSC 2. A morte é um fenômeno natural (37,14%)	A morte é um fenômeno natural. Acontece com todos, é um fato inevitável e é a única certeza da vida. É o último estágio da vida quando a pessoa perde ou finaliza a sua vida. É a ausência de atividades tipicamente humanas. É se desligar totalmente de seu dia-a-dia.
DSC 3 A morte é de difícil explicação (14, 28%)	A morte é uma coisa que não tem resposta nem pensamento certo. Não sabemos como nem onde vai ocorrer nem as suas causas. É uma coisa que pode chegar a qualquer momento. Pode ser bom quanto pode ser ruim. Não tenho uma conclusão.
DSC 4. A morte traz sofrimento (5,71%)	A morte é a perda de poder continuar a realizar seus sonhos e desejos. A morte deixa marcas e dor em quem está vivo.

Quadro 2 – “Que idéias, sentimentos ou imagens ocorrem a você ao pensar sobre a morte?”

Idéias centrais	Discursos do sujeito coletivo
DSC 1. A morte traz sofrimento (36,11%)	É muito ruim. Sinto medo. O meu maior medo é sofrer, deixar de viver. Também tenho medo de perder quem eu amo, de não saber o que vai acontecer e como morrerei. Além disso, me ocorrem sentimento de perda, tristeza e saudade. Ninguém gosta de perder amigos, parentes, pessoas queridas. Preciso falar sobre o assunto.
DSC 2. A morte tem um sentido religioso (25%)	Imagino um túnel escuro em que lá no fundo há uma luz. Depois voltamos a viver. Pode ser em lugares conforme diz a Bíblia ou na terra. Podemos ir ao encontro de Deus ter a vida e a paz eterna, o descanso e a plenitude. É também podemos esperar o julgamento

	final de Deus. Então ficaremos juntos com todo mundo.
DSC 3. A morte é um fenômeno natural (22,22%)	Sinto que a morte é algo natural. Sei que a minha hora vai chegar. Faz parte de um processo normal, todos passarão por isso. Poderíamos preservar a vida já que ela não tem mais volta.
DSC 4. A morte é de difícil explicação (16,6%)	Não me ocorre nada ou quase nada, como alguém de capa preta e foice na mão. É difícil parar para pensar sobre a morte na minha idade. Talvez na morte acabe tudo ou vá viver em outro lugar. Não tenho grandes sentimentos.

A Tabela 1 mostra como os estudantes percebem as influências de sua família, grupo de amigos, religião e escola no que diz respeito ao tema morte. A grande maioria percebeu o papel da sua religião e da sua família, enquanto poucos perceberam o papel dos seus amigos e pouquíssimos o papel da sua escola.

Tabela 1 – Percepção dos alunos com relação às possíveis influências sofridas pelos seus grupos sociais

Questões	sim	não	sem resposta
"Você aprendeu algo sobre a morte com os seus familiares?"	78,12%	18,75%	3,12%
"Você aprendeu algo sobre a morte com os seus amigos?"	21,87%	65,62%	9,37%
"Você aprendeu algo sobre a morte com a sua religião?"	84,37%	9,37%	6,25%
"Você aprendeu algo sobre a morte na sua escola?"	6,25%	87,49%	6,25%

A Tabela 2 mostra que as religiões de maior adesão foram a evangélica e a católica. A grande maioria dos que declararam ter uma religião, declararam participar ativamente delas. Entre os que declararam não ter religião, todos declararam acreditar em Deus.

Tabela 2 – Adesão religiosa dos alunos

RELIGIÃO	ALUNOS
Candomblé	6,25%
Catolicismo	37,50%
Kardecismo	3,12%
Evangélicos	43,75%
Outras	0%

Sem religião, mas acredita em Deus	9,37%
Sem religião e não acredita em Deus	0%
Com religião e participam das atividades de sua religião	90,62%
Com religião, mas não participam das atividades de sua religião	9,37%

Os dados levantados referentes aos pais e mães dos investigados, a saber, sobre a sua religião, sua escolaridade e a sua profissão, mostrou que, quanto à religião, pelo menos o pai ou a mãe tinha religião, sendo que em quase todos os casos a mãe era religiosa. Metade dos pais foi declarada religiosa e desses, a maioria dividiu-se entre evangélicos e católicos, sendo que a maioria dos pais que eram religiosos dividiu-se entre evangélicos e católicos. Já a quase totalidade das mães foi declarada religiosa, quase metade evangélica e um terço católica.

Quanto à escolaridade, pais e mães têm um perfil semelhante: cerca de metade possuíam o ensino médio completo, um quarto deles possuía o ensino fundamental incompleto e um quarto, superior completo. Quanto à ocupação dos pais e das mães, considerando um amplo espectro de profissionais declarados (veterinário, professor, advogado, dentista, enfermeiro, entre outros), um terço dos pais trabalha como autônomo (vendedor, eletricitista, mecânico, etc.) e um terço das mães é dona de casa.

Discussão dos resultados

Quanto à primeira questão (“Em sua opinião, o que é a morte?”), a adesão ao discurso religioso pode ser compreendido pelo papel que as religiões têm desempenhado na sociedade no sentido de dar sentido à morte e oferecer conforto no morrer. Os alunos investigados são em sua maioria religiosos ativos e entre os que não são religiosos, todos acreditam em Deus. Além disso, em sua maioria são filhos de pais religiosos. Pode-se afirmar que muitos alunos fizeram uma ancoragem com base na religião. Tal constatação também foi feita por COELHO & FALCÃO (2006); ALMEIDA & FALCÃO (2009) em cinco escolas do Rio de Janeiro, em que a presença da ancoragem religiosa na maior parte dos discursos. Segundo Moscovici (2003), ancoragem refere-se a um processo que possibilita tornar o não-familiar em algo familiar. Sendo a morte um tema considerado tabu em nossa sociedade, é compreensível as dificuldades para tornar a morte um tema de reflexão e que, ao ser tematizado, seja motivo de estranheza. As religiões têm a morte como um dos seus principais temas, sendo uma das poucas organizações sociais que o trazem à tona em lugar de destaque. Entretanto, nota-se que embora a adesão à crença religiosa tenha sido quase total entre os estudantes, a adesão ao discurso religioso para a morte não foi tão generalizada.

O discurso que se refere à morte como fenômeno natural não explicita termos científicos, mas a ausência de crenças religiosas já é significativa. Deve-se lembrar que a adolescência é a etapa do desenvolvimento humano em que se elaboram os grandes projetos de vida, sendo presumível que a promessa de uma outra vida, espiritual, após a morte, não ofereça sempre atrativos a essa faixa etária. Por outro lado, é razoável que o adolescente cultive ou expresse outros discursos, além do religioso, na sociedade atual, tendo em vista os processos de secularização em curso.

O discurso que expressa a “dificuldade em dar um sentido para a morte” deixa claro os reflexos da cultura que silencia sobre este assunto. A falta de oportunidade de falar

sobre o assunto em algum contexto que facilite a expressão dos alunos pode ser apontada como uma de suas razões.

O discurso que se a “morte como causa de sofrimento” foi de pequena adesão e refere-se basicamente à interrupção de projetos pessoais e repercussões nos que sobrevivem a morte nos outros.

Conforme já anunciado, a segunda questão buscou envolver mais o próprio sujeito na perspectiva em relação à morte, ou seja, buscou trazer conteúdos mais pessoais ou subjetivos. Os discursos mostram que tal objetivo foi atingido porque os conteúdos dos quatro discursos identificados, ainda que tenham as mesmas idéias centrais do Quadro I, mostraram tanto percentuais de adesão diferenciados como conteúdos emocionais mais explícitos.

O discurso que associa a “morte ao sofrimento” foi o de maior adesão. Neste caso, as dificuldades mostraram-se predominantemente de natureza emocional, referindo-se a experiências pessoais de perdas, às dificuldades em lidar com esta realidade, medo e tristeza foram os sentimentos mais expressos. Neste discurso, os estudantes não só expressaram sentimentos como destacaram a necessidade de falar sobre o assunto e a importância de aprender com ela. Este discurso expõe a necessidade de se abrirem espaços para que o grupo jovem possa elaborar melhor seus sentimentos em relação à morte. Não deixa dúvidas quanto à demanda de alguma resposta educacional para viabilizar elementos que apóiem a elaboração emocional dos estudantes.

O discurso religioso coexiste com o discurso que associa a morte ao sofrimento, mas revelou menor adesão do que na primeira questão. Ao se trazer o questionamento para a perspectiva mais pessoal, o discurso associado ao sofrimento prevaleceu. Não obstante o perfil generalizado de crenças religiosas, a religião não atenuou o sofrimento relacionado à morte. Os dados reforçam a interpretação de que há uma demanda dos alunos no sentido de uma interlocução diferencialmente qualificada para discussão sobre a morte. Conforme visto nas referências bibliográficas, não só as crenças religiosas têm perdido poder de influência quanto na adolescência há um complexo de transformações físicas, emocionais e intelectuais.

Nesse contexto, o “discurso da morte como fenômeno natural” revelou preocupação com a preservação da vida no presente visto que a morte é representada como inevitável e imprevisível. ALMEIDA & FALCÃO (2009), no estudo em quatro diferentes escolas do ensino médio do estado do Rio de Janeiro, não só observaram que os estudantes adolescentes dão importância ao tema da morte relacionando-o a aprendizagem de comportamentos saudáveis para a qualidade de vida como ressaltaram a importância de cuidados em relação à morte devido à violência..

O discurso da morte como de “difícil explicação” não significa necessariamente que não tenham o que dizer ou que não tenham tido experiências de vida relacionadas à morte. Este discurso pode ser associado ao ponto de vista cultural, que inclui o tabu na sociedade, o que acarreta pouco repertório cotidiano sobre o tema.

Os dados relativos aos grupos sociais onde os alunos aprenderam sobre a morte são importantes à luz dos autores citados na introdução deste relato. Os referidos estudos afirmam a necessidade que os adolescentes têm de reconstituírem a sua identidade pessoal ampliando o seu círculo social familiar em direção a novos grupos onde possa se sentir reconhecido, apoiado e aceito. Além disso, afirmam que é nos diversos espaços sociais que os adolescentes podem compartilhar e confrontar as diferentes visões de mundo a partir de suas novas capacidades cognitivas. A escola foi muito pouco

associada aos conteúdos aprendidos, considerando ainda que frequentemente a família reforça os conteúdos aprendidos na igreja e vive-versa.

Neste sentido, a escola foi o espaço social onde os alunos menos perceberam que aprenderam sobre a morte, ficando atrás, inclusive, do grupo de amigos, a quem não se atribui responsabilidades educacionais específicas. Tais dados sugerem que o tema da morte é tabu na escola, tanto quanto é no conjunto da sociedade. Nossas anteriores pesquisas, aqui citadas, constataram, entre estudantes adolescentes, abertura, interesse e atitude positiva com relação ao tema da morte, percebendo a escola como um espaço social possível de abordagem sobre ele. Os resultados desta presente pesquisa confirmam a necessidade da escola abrir-se para o tema no sentido de haver maior conscientização e reflexão sobre o tema da morte entre jovens na escola.

Conclusões

Não obstante serem necessários mais estudos para abranger um número maior de estudantes e investigar outros contextos sociais, o presente estudo, ao lado daqueles já realizados mostra que o campo de pesquisa sobre as representações sociais da morte entre alunos do ensino médio é promissor e indica questões que merecem um aprofundamento.

Os resultados indicam que os alunos do ensino médio apresentam demanda de espaço de reflexão e uma abordagem diferenciada para discutir sobre a morte. Esta demanda está relacionada à necessidade de reelaborar sentidos e encontrar novas formas de lidar com ela.

Nesta perspectiva, cabe questionar o papel da escola diante do tema da morte. O estudo mostra que a escola não tem sido um espaço de reflexão e, ao contrário, tem reforçado o tabu sobre a morte existente na sociedade. Contudo, considerando que a escola deve ser, por excelência, um espaço crítico, é de se esperar que este tabu, como qualquer outro, seja seu objeto de trabalho. Além disso, levando em consideração a importância da adolescência para a formação da personalidade e da cidadania, a responsabilidade da escola aumenta no ensino médio.

Portanto, os resultados deste estudo permitem recomendar a ampliação da discussão com fins de inclusão do tema da morte no currículo escolar do ensino médio.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, L.A.; FALCÃO, E.B.M. Cultura, Morte e Representações de Jovens: um estudo em 4 escolas. **Enseñanza de las Ciencias**, v. Extra, p. 33-593598, 2009.

ALMEIDA, L.A.; FALCÃO, E.B.M. **Representação social dos estudantes do ensino médio mortalidade da acerca entre jovens e as perspectivas de intervenção na escola**. In: VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2007, Florianópolis. Anais do VI ENPEC, 2007.

ALMEIDA, L.F.; RAMOS, I.N.B.; FALCÃO, E.B.M. **O ensino da morte humana no contexto das aulas de Biologia**. In: VII ENPEC Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009, Florianópolis. Anais do VII ENPEC, 2009.

- CARVALHO, L.S. et al. Perception of death and dying of thr nursing studies. A quality study. **On Line Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 3. 2008. Disponível em <http://www.objnursing.uff.br//index.php/nursing/article/viewArticle/5072>. Acesso em: 29 out. 2011.
- COELHO, F.J.F.; FALCÃO, E.B.M. Ensino Científico e Representações Sociais de Morte Humana. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 39, p. 1, 2006.
- COELHO, F.J.F.; FALCÃO, E.B.M. **Ensino de Ciências e Representação Social de Morte Humana**. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2005, Bauru. Anais do V ENPEC, 2005.
- ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- JUNQUEIRA, M.H.R. & KOVÁCS, M.J. **Alunos de Psicologia e a Educação para a Morte**. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2008 (3), 506-519.
- KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- LEE, H.G. ET AL. The perception of good death among human service studies in South Korea: A Q-Methodological Approach. *Death Studies*. **Taylor & Francis On Line**, v. 32, n.9, p.870-890. 2008. Disponível em <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07481180802359797>. Acesso em: 29 out.2011.
- LIMA, V.R.; BUYS, R. Educação para a morte na formação de profissionais de saúde. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3. 2008. Disponível em <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/220>. Acesso em: 29 out. 2011.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NORDET, M.C.A; RONDON, J.J.C.; BIGNOTE, M.S.L. Percepción de muerte y felicidad em estudantes de licenciatura em enfermaria. **Rev. Cubana de Enfermaría**, Ciudad de la Habana, v.24, n. 2, abr.-jun. 2008. Disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S0864-03192008000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 29 out. 2011.
- WINNICOTT, D. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.